

Relações homossexuais: a igreja alemã toca a marcha nupcial



Infovaticana, 13 de janeiro de 2018.

[].

Tradução. Bruno Braga.

O vice-presidente da Conferência Episcopal alemã, o Mons. Franz-Josef Bode, pede que se abra um debate sobre a possibilidade de abençoar as relações homossexuais. Uma iniciativa que é a continuação de uma entrevista concedida pelo Cardeal Reinhard Marx, na qual propõe que a Igreja Católica repense o seu ensinamento sobre a moral sexual.

(*Marco Tosatti / La Nuova Bussola Quotidiana* [1]) – A igreja alemã abre oficialmente a campanha para que se estabeleça algum tipo de reconhecimento eclesial dos casais homossexuais. Depois do apoio aos divorciados que se casaram novamente, que foi concluído com a *Amoris Laetitia* e promovido fortemente

pelo Cardeal Walter Kasper na tentativa de preencher os espaços vazios a cada ano maiores na fila de fiéis por meio da redução do nível de exigência da doutrina e da moral, agora se buscam novas vias.

A última declaração neste sentido é a do vice-presidente da Conferência Episcopal alemã, Mons. Franz-Josef Bode, que pediu a abertura de um debate sobre a possibilidade de abençoar as relações homossexuais, porque ele crê que, nessas relações, “há muita coisa que é positiva”.

Esta nova iniciativa é, na realidade, a continuação de uma entrevista concedida pelo Cardeal Reinhard Marx, presidente da Conferência Episcopal, ao *Herder Korrespondenz*. Marx, além de ser um dos conselheiros mais escutados pelo atual Pontífice, é integrante do C9, a comissão de Cardeais encarregada de estudar a reforma da Igreja e da Cúria.

Marx propõe que a Igreja Católica repense o seu ensinamento sobre a moral sexual, e que abandone atitudes de “rigorismo cego”. De acordo com o purpurado, é difícil dizer de fora se alguém está em pecado mortal. Um princípio que pode ser aplicado tanto aos homens e mulheres em situações irregulares como a quem vive um relacionamento homossexual. É evidente a influência, por um lado, da ambiguidade criada pelas notas de *Amoris Laetitia* e, por outro, do abandono *ex profeso* dos critérios claramente estabelecidos pelo que ainda é, até que se prove o contrário, a Carta Magna do Catolicismo: o Catecismo.

Para Marx é necessário respeitar “uma decisão tomada em liberdade” e “a consciência de cada um”. E não só: é necessário ter em conta as “circunstâncias concretas” e recordar “a responsabilidade de cada um à luz do Evangelho”. Porém, naturalmente, “é necessário escutar a voz da Igreja”.

Mons. Bode, por sua vez, fazia sua declaração ao diário *Neue Osnabrücker Zeitung*. “Creio que, na Igreja, devemos discutir

este problema de forma mais detalhada”, porque, acrescentou, não é útil “manter o silêncio” sobre estes temas. Gostaria de discutir uma proposta relativa a uma forma de “benção” para os casais homossexuais, mas sem que seja considerada um matrimônio. Mons. Bode se pergunta a respeito dos casais homossexuais: “Como podemos fazer-lhes justiça? Como os acompanhamos pastoral e liturgicamente?”. Mons. Bode, que participou dos Sínodos sobre a Família, sugere, da maneira mais geral, que a Igreja reconsidere a sua posição a respeito da homossexualidade ativa, considerada pecado grave. “Devemos refletir sobre o problema de como julgar, de forma diferenciada, a relação entre duas pessoas homossexuais. Por acaso não há nessas relações coisas suficientemente positivas, boas e justas para que sejamos mais justos?”

A resposta ao Bispo veio de Mathias von Gersdorff, um conhecido ativista católico no âmbito da vida e da família, além de escritor, que comenta as palavras do Mons. Bode no seu blog, advertindo os “católicos alemães ortodoxos” para que estejam preparados: “O progressismo alemão não quer só mudar algumas coisas aqui e ali, mas quer apagar todo o ensinamento católico para criar uma religião fundamentalmente nova”. A entrevista de Mons. Bode “introduz uma nova fase de destruição”. E conclui dizendo: “O católico ‘normal’ está perplexo e se pergunta: por quanto tempo a Igreja Católica na Alemanha poderá seguir este caminho de destruição e ainda continuar sendo chamada de católica? Quando chegará o ponto em que teremos o dever moral de nos negar a pagar o imposto à Igreja?”

NOTAS.

[1] Cf. [].